



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA – UFDPAr
BACHARELADO EM PSICOLOGIA – FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**“*UM PENSAMENTO NA FALA*”: A LINGUAGEM PARA A FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO DE MERLEAU PONTY**

FELIPE MENDES MARCIANO

Parnaíba – PI

2022

FELIPE MENDES MARCIANO

**“*UM PENSAMENTO NA FALA*”: A LINGUAGEM PARA A FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO DE MERLEAU PONTY**

Projeto, entregue como requisito de aprovação no Trabalho de Concluso de Curso 2 (TCC 2), do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), sob a orientação do Prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz.

Parnaíba – PI


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TCC II
(TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO)

No dia 21 de outubro de 2022, via *Meet*, reuniram-se os membros da comissão designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da UFDPAr, para a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Felipe Mendes Marciano. Foram componentes da banca examinadora os Professores: Ronald Taveira da Cruz (Orientador/UFDPAr), Gustavo Freitas Pereira (Membro/UFDPAr), Dimitri Carlo Gabriel da Silva (Membro/ UFDPAr). Compareceram à cerimônia, além do avaliado, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o presidente da banca, Prof. Ronald Taveira da Cruz, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o aluno Felipe Mendes Marciano e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que dissertasse sobre sua monografia/artigo, intitulada: **“UM PENSAMENTO NA FALA”: A LINGUAGEM PARA A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU PONTY**”. O candidato foi, a seguir, arguido pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo passou a comissão, em secreto, à avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito: aprovado, o qual foi proclamado pela presidência logo que esta foi franqueada ao recinto da solenidade pública. Face à aprovação, declarou o presidente achar-se o aluno **aprovado na disciplina TTC 2**. Nada mais havendo a tratar, eu Eugênia Bridget Gadelha Figueiredo (Chefe do Curso de Graduação em Psicologia – UFDPAr), lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, assino juntamente com todos os membros da banca.

Parnaíba, 22 de outubro de 2022.

Orientador: 

Membro1: 

Membro 2: 

Chefe do Curso: 

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Professor Cândido Athayde

M319p Marciano, Felipe Mendes

“Um pensamento na fala”: a linguagem para a fenomenologia da percepção de Merleau Ponty [recurso eletrônico] / Felipe Mendes Marciano. – 2022.

TCC (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz

1. Fenomenologia. 2. Linguagem – Filosofia. 3. Fala. 4. Psicologia. 5. Pensamento. I. Título.

CDD 142.7

2022

**“UM PENSAMENTO NA FALA”: A LINGUAGEM PARA A FENOMENOLOGIA DA
PERCEPÇÃO DE MERLEAU PONTY**

Felipe Mendes Marciano¹Ronald Taveira da Cruz²**RESUMO**

A linguagem é bem mais do que palavras vazias, ou conceitos que só ganham significados se partirem de uma intenção, antes disso a linguagem é pensamento. O filósofo francês Maurice Merleau Ponty propõe em sua obra ‘*A fenomenologia da percepção*’, uma análise sobre a fala e os fenômenos que a permeiam. Neste contexto, a fala abordada pelo mesmo tem um caráter de gesto, um significado próprio, pois a mesma não exprime o pensamento, ela é o pensamento. Sendo assim, pensar na linguagem fora da visão dicotômica de pensamento e signo, perceber como o próprio significado nela mesma e não algo anterior. Por fim, este trabalho permite investigar as afinidades entre a filosofia e a psicologia, conhecimentos que conversam entre si e podem se complementar, abordando a linguagem na visão merleau pontyana, que contemplem tais discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Fala; Pensamento; Significado.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da fala dentro do campo da linguagem traz aspectos que para o senso-comum já estão bem estabelecidos. O maior deles seria o de que a palavra tem como

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Psicologia – Formação de Psicólogo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr.

² Professor Dr. Orientador, Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr.

função a expressão de um pensamento, que ela seria uma ferramenta capaz de além de trazer sentido, categorizar o que foi pensado anteriormente. Esses entendimentos de que a fala seria só um invólucro vazio ou, que carrega a significação de algo alheio a ela ou que não engendra significados estão distantes da maneira como Merleau-Ponty compreende a linguagem.

Pensando em teorias de matrizes intelectualistas ou empiristas, a fala teria algo em comum, uma funcionalidade que foge de um sentido próprio, mas caracterizaria uma expressão de pensamento, ou categorização de algo.

John Locke (1632), grande pensador empirista, traz consigo a representatividade e categorização do sentido através da palavra ou ‘fala’ “a função das palavras é serem marcas sensíveis das ideias, e as ideias que elas representam constituem a sua significação própria e imediata” (Locke, 1999, p. 545).

O intelectualismo por sua vez leva em consideração um ato pensante no processo linguístico, acontece que assim como o empirismo a linguagem não passa de uma função sem sentido próprio, pois esta linha de pensamento levará em consideração uma função de expressão de um pensamento. Trevisan (2012, p. 93) fala pela perspectiva de Kant que “a linguagem opera como instrumento de comunicação de pensamentos”.

É através da crítica a estas duas teorias principalmente que uma virada linguística se daria início, trazendo um ponto de vista ao qual a fala não serviria meramente de uma ferramenta utilitária, mas faria parte do processo de significação.

Perius (2013) ao falar de Saussure, filósofo e linguista afirma:

A origem do problema está no triunvirato, desde logo descartado por Saussure, que liga as palavras e os conceitos com as coisas. Esse equívoco, que Saussure chamou de concepção “nomenclaturista” da linguagem, está em supor duas tábuas de valores correspondentes, uma para as coisas, outra para os nomes. A concepção do

signo de Saussure vai explodir essa maneira de pensar a linguagem, condenando a filosofia do senso-comum que representa a língua como a relação de correspondência direta entre: A) uma coisa, B) uma palavra e C) um conceito.

Saussure traz consigo esta ideia de que a fala carrega muito mais que uma simples função de nomear, categorizar, ou exprimir algo já existente. É neste contexto de crítica a essa visão estruturalista que Merleau-Ponty entra em cena, trazendo uma perspectiva fenomenológica sobre como a linguagem, com a qual o pensamento possui uma relação muito mais íntima do que só uma expressão de sentido.

Furlan & Bocchi (2003) ao destrinchar a contribuição de Merleau-Ponty, em forma de crítica a este modelo estruturalista de linguagem, afirmam:

[...] A análise merleau-pontyana nos revela duas tradições contraditórias, porém embasadas em uma mesma concepção de linguagem. Para uma, a fala está condicionada a “leis da mecânica nervosa” ou “leis da associação”. Para a outra, a fala depende de uma operação subjetiva doadora de sentido, a “operação categorial”. No entanto, ambos os tratamentos concordam que a palavra não tem um sentido que lhe pertence[...]

Acerca da linguagem, Merleau-Ponty irá abordar em um capítulo da obra *A Fenomenologia da Percepção*, além de ensaios e outras obras, voltadas à fala e sua relação com o pensamento, buscando entender as atribuições da fala. Para o autor as visões empiristas e intelectualistas erram ao tratar as palavras, ele por sua vez foge dessa ideia automatista de pensar na linguagem e na fala especificamente.

Logo, para o autor existe algo a ser superado nessas teorias, e o fato de a fala estar ligada ao pensamento nos mostra isso claramente. Para Merleau-Ponty unir o pensamento à fala é indispensável para entender a dinâmica de como se dá a linguagem.

Moura (2001) afirma que o “intuito da análise de Merleau-Ponty é mostrar, antes de tudo, que as teorias da linguagem, de qualquer matriz que sejam, não modificam o ponto de partida dos adeptos da convenção “[...] afasta a palavra da significação” (Moura, 2001, p. 246).

Portanto, a discussão deste estudo parte desses conceitos, impondo à oposição uma fala pensante e uma fala com palavras exterior ao pensamento, ou seja, um invólucro vazio, tendo como pano de fundo a obra merleau-pontyana. A discussão se dividiu em tópicos sobre breve histórico e contextualização; e considerações conceituais.

Busca-se dialogar sobre a linguagem, abordando a obra e filosofia de Merleau-Ponty, a qual se refere a linguagem como ‘a fala’. A questão que se discutirá neste estudo, portanto, versa sobre linguagem e seu caráter psicológico, que é o pensamento.

Para isso, faz-se necessário apresentar a fala como uma atitude pensante, e não um recurso simples de signos, bem como, refletir que certas “observações permitem-nos restituir ao ato de falar a sua verdadeira fisionomia”(Merleau-Ponty, 1999, p. 247), além de refletir sobre as próprias observações.

A linguagem nos acompanha durante toda nossa vida, entender seu funcionamento e sua função psicológica é de grande importância. Merleau-Ponty vai trazer um ponto de vista que difere de visões empiristas e intelectualistas. E perceber um aspecto mais voltado a percepção do que uma visão mecanicista da fala.

Dessa maneira, a importância da discussão acerca da linguagem, também conhecida usualmente como ‘fala’, nos possibilita entendê-la com mais propriedade. Buscar pensar como a abordagem do autor Merleau-Ponty não separa de forma dicotômica, mas busca

pensar na fala de forma holística. Não separando o pensamento do mesmo, e muito menos tratando como dois fatores distintos, mas sim percebendo como indivisíveis, e até sendo nessa função o mesmo processo.

A metodologia utilizada para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso é por meio de análise bibliográfica de cunho investigativo exploratório, portanto, de abordagem qualitativa e natureza básica, por não considerar aplicações práticas.

Conforme os objetivos apresentados, optou-se pela pesquisa exploratória dos instrumentos teóricos encontrados a fim de possibilitar uma reflexão das diversas posições do problema, desde que considerando o mesmo sentido da discussão filosófica proposta por Merleau-Ponty.

1- VIDA, OBRA E FORTUNA CRÍTICA DE MERLEAU-PONTY

Nascido em Rochefort-sur-Mer, Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961) aluno da Escola Normal Superior, formou-se em filosofia em 1930. Lecionou no Liceu de Beauvais de 1931 a 1933, no Liceu de Chartres de 1934 a 1935 e na Escola Normal Superior de 1935 a 1939.

Em 1945, ao encerrar seu doutorado, foi nomeado diretor de cursos e conferências da Universidade de Lyon, da qual se tornou professor titular em 1948. Nessa época, fundou, com Jean-Paul Sartre, a revista *Os tempos modernos*, da qual foi assíduo colaborador. Na Sorbonne, de 1949 a 1952, ocupou as cadeiras de psicologia e pedagogia, sendo eleito para o Colégio de França em 1952, onde lecionou até a data de sua morte.

Quanto às suas obras que versam sobre o tema deste trabalho, no ano de 1945, Merleau-Ponty publica a obra *A fenomenologia da percepção*, a qual em um dos seus capítulos aborda a fala. Este capítulo carrega grandes indagações e uma busca pela superação dos modelos empiristas e intelectualistas acerca da fala.

Em relação a teoria que embasa esse trabalho o autor vem discutir acerca da fala e sua relação com o pensamento, e seu significado. Em forma de crítica, é discutida sobre duas abordagens em respeito à fala, que a tratam de forma dicotômica entre sujeito-objeto. As abordagens referidas seriam o empirismo e o intelectualismo.

Merleau-Ponty vai iniciar a discussão abordando essas duas óticas acerca da fala, demonstrando suas semelhanças, diferenças e seus pontos aos quais devam ser superados, já que negam um sentido à palavra.

O empirismo, segundo Furlan & Bocchi (2003), nega um vínculo entre o sentido da percepção interno e a palavra dita e um sujeito, até mesmo do significado da palavra e seu referente. Em suma: “para o empirismo a fala é um fenômeno que se processa sem um sujeito falante, aliás, sem qualquer sujeito. O sentido da fala, se existisse, estaria confinado às relações de estímulos definidos pela ciência objetiva.” (Furlan & Bocchi, 2003).

Em relação ao intelectualismo, existe sim um sujeito pensante, e é ele quem dá significado às verificações da realidade. Dessa forma a consciência toma essa função de estruturação da percepção dos fenômenos, logo o sentido não pertence a palavra, mas ao sujeito pensante que a percebe. É a consciência quem dá sentido à palavra, “Nesse contexto, nota-se que a palavra não tem significação, pois ela apenas anuncia e representa o sentido do pensamento, mas não possui esse sentido que representa.” (Furlan & Bocchi, 2003).

Por mais que os dois tratamentos da fala sejam contraditórios, eles concordam com um ponto, “que a palavra não tem um sentido que lhe pertence, negligenciando o que na concepção merleau-pontyana é fundamental para a compreensão da noção de linguagem, ou seja, que a palavra tem um sentido próprio.” (Furlan & Bocchi, 2003).

Merleau Ponty (1999, p. 240, 241) argumenta:

No que concerne à própria fala, o intelectualismo mal difere do empirismo e não pode, tanto quanto este, dispensar-se de uma explicação pelo automatismo (...). Portanto,

ultrapassa-se tanto o intelectualismo quanto o empirismo pela simples observação de que a palavra tem um sentido(...). Se a fala pressupusesse o pensamento, se falar fosse em primeiro lugar unir-se ao objeto por uma intenção de conhecimento ou por uma representação, não se compreenderia por que o pensamento tende para a expressão como para seu acabamento, por que o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome, por que o próprio sujeito pensante está em um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si ou mesmo disse e escreveu, como o mostra o exemplo de tantos escritores que começam um livro sem saber exatamente o que nele. Um pensamento que se contentasse em existir para si, fora dos incômodos da fala e da comunicação, logo que aparecesse cairia na inconsciência, o que significa dizer que ele nem mesmo existiria para si.

Se concluí que a fala não seria um produto de algo anterior, o pensamento, mas que ela em si é o pensamento. Segundo Veríssimo (2012) o importante é desconstruir a ideia que a linguagem é precedida de uma atividade silenciosa de pensamento, seja ela relacionada a quem fala, ou a quem escuta. Ou seja, a palavra não necessita que seja atribuído sentido a ela, ao falar ou ouvir, já que se trata de um pensamento genuíno, o sentido é a própria palavra.

Portanto as ideias de Merleau-Ponty se mostram pertinentes e palpáveis. Abordar a fala como indissociável do pensamento é ir contra às correntes intelectualistas e empiristas, vem mostrar uma lógica interessante e tangível. Já que as postulações e indagações do autor nos leva a pensar a partir de uma visão holística do fenômeno da fala, pensamento e significado.

2- A FALA FALADA E FALA FALANTE

Merleau-Ponty tece críticas às teorias intelectualistas e empiristas a qual defendem que o pensamento preexistiria anterior a fala, além dela ser produto de fatores psíquicos e biológicos. Para o filósofo a fala era tampouco uma forma de expressão de um pensamento

anterior, quanto uma classificação significativa pautada em um conceito seja científica ou lógica. Nesse raciocínio Merleau-Ponty critica: “Expressar não é então nada mais do que substituir uma percepção ou uma ideia por um sinal convencionado que a anuncia, evoca ou abrevia” (Merleau-Ponty, 2012, p. 29).

Logo o sentido da fala não seria encontrado fora dela somente, mas claro encontrada em si mesma. Para Merleau Ponty (1999, p. 265):

[...] as linguagens, quer dizer, os sistemas constituídos de vocabulário e de sintaxe, os ‘meios de expressão’ que existem empiricamente, são o depósito e a sedimentação de atos de fala nos quais o sentido não-formulado não apenas encontra o meio de traduzir-se no exterior, mas ainda adquire a existência para si mesmo, e é verdadeiramente criado como sentido.

A fala se movimenta, um movimento fenomenológico ao qual a linguagem em si se compreende o seu 'todo', fala e silêncio. Nessa ideia, para o autor a ausência também é um signo, divergindo mais uma vez das ideias estruturalistas ao qual a ausência do sentido não é uma realidade, já que a fala continua sendo somente uma expressão daquilo que é pensado, ou que existe.

Para Merleau-Ponty “ela vai mais além e é a frase que dá seu sentido a cada palavra, é por ter sido empregada em diferentes contextos que pouco a pouco a palavra se enche de um sentido que não é possível fixar absolutamente” (Merleau-Ponty, 1999, p. 519, 520), logo “[...] fala não é o ‘signo’ do pensamento, se entendermos por isso um fenômeno que anuncia um outro, como a fumaça anuncia o fogo.” (Merleau-Ponty, 1999, p.247).

Estes atos citados pelo autor podem ser separados em uma fala falada e uma fala falante. Nessa ideia “a linguagem falada é o conjunto das significações de uma língua; a

linguagem falante é transfiguração dessas significações” (Caldin, 2011). E isso pode ser encontrado na teoria de Merleau-Ponty (2012, p. 39, 42, 43):

[...] A linguagem falada é aquela que o leitor trazia consigo, é a massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis, sem a qual, com efeito, ele não teria podido começar a ler, que constitui a língua e o conjunto dos escritos dessa língua. [...] Mas a linguagem falante é a interpelação que o livro dirige ao leitor desprevenido, é aquela operação pela qual um certo arranjo dos signos e das significações já disponíveis passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova [...].

A fala falante se torna algo indispensável para qualquer relação mais profunda com o indivíduo. É a partir dela que são compreendidos novos sentidos ao que é falado, o que chega a si, ao que é lido ou até ao que é não dito. De forma criativa, a linguagem se molda a cada nova situação de significação do que é falado.

3- A PSICOTERAPIA E A ‘FALA ORIGINÁRIA’ OU ‘FALA FALANTE’

Para a psicologia, no âmbito da psicoterapia, a fala é de extrema importância, pois a mesma é um aspecto indispensável da relação, é “a presença do psicoterapeuta enquanto sujeito ativo na relação faz parte do cuidado relacional com o cliente” (Carvalho, et al, 2015).

Na Gestalt-Terapia, uma abordagem de psicoterapia, há a relação dialógica, que por sua vez, segundo Motta, et al (2020) implica que o psicoterapeuta trabalhe para encontrar o outro, para compreendê-lo. Levando em conta que mesmo que o terapeuta tenha essa atitude da relação com o cliente, ela não deve ser nunca uma exigência.

É possível relacionar a psicoterapia com o que Merleau-Ponty irá chamar de ‘fala originária’ ou ‘fala primeira’. Para Amatuzzi (1989) essa é uma fala nova, no improvisado, interessante, pois traz sentimentos, pensamentos e inquietações que estão lá pela primeira vez.

Esta primeira vez, no entanto, deve ser entendida no sentido da novidade da vivência, não no sentido cronológico.

Para Merleau-Ponty a ‘fala originária’ tem aspectos indispensáveis das ideias apresentadas anteriormente, da relação de pensamento e fala. Segundo Tenório (2003):

De acordo com Merleau-Ponty (1996), a ‘fala primeira’ é o pensamento em ato, não existe um pensamento precedente do qual ela seria a tradução, não existe uma ideia ou concepção à priori. O que existe antes dela não é o pensamento, mas sim a gestação de uma intenção significativa.

Sendo assim, mesmo que a fala primeira tenha essa natureza de expressão, ela ainda não estaria ligada a uma expressão de um pensamento, mas sim ao próprio pensamento. Merleau-Ponty (1999) trará que na ‘fala original’ há uma identificação da fala com o pensamento e do pensamento com o sentimento, esses se constroem e se manifestam, junto com o processo de significação total do sujeito, no momento presente, através das palavras.

Importante tratar esse processo de forma holística, e entender que essa separação é meramente didática. Nesse pensamento AmatuZZi (1989) vem trazer um conceito que engloba a fala falada, proveniente dessa ‘fala originária’. Segundo o autor:

Na realidade, a fala falada é o produto enrijecido e objetivo que resulta das falas originais, que se cristaliza na língua disponível ou em seres culturais, formas de discurso, mas que, ao mesmo tempo e por ser exatamente isso, instrumentaliza outras falas (AmatuZZi, 1989, p.34).

É a partir da ideia dessa fala falada, proveniente da fala originária, que AmatuZZi (1989) expandiu o conceito trazendo também a ideia de ‘fala autêntica’. Na ‘fala autêntica’, mesmo que se parta de conteúdos disponíveis, “seu arranjo visa criar significações novas a

partir do silêncio primordial; visa expressar carências mais profundas do que aquelas que são providas bem ou mal no cotidiano.” (Tenório, 2003)

Nessa ideia, percebe-se uma intenção significativa nascente na fala, ainda sim ela não é entendida como uma categorização de um pensamento anterior, mas sim como uma experiência primordial, anterior da ‘fala originária’. “Essa experiência seria o constituinte dinâmico da significação do próprio sujeito e de seu mundo. Seria uma experiência pré-verbal que é descoberta pelo verbal.” (Tenório, 2003).

Este conceito se conversa com o de fala falante, onde o sujeito é mais criativo e não está pautado em uma fala rígida e estabelecida. Revisitando os conceitos de fala falada e fala falante Ferraz comenta (2006, p. 105-6):

[...] na fala falante não há separação possível entre signo e significado. [...] Essa fala falante fruto de uma operação expressiva originária sedimenta-se em um saber intersubjetivo e pode então ser retomado como significação adquirida, fala falada.

Portanto, é capaz de se observar, na relação, mais precisamente na comunicação um ponto importantíssimo da linguagem, é ela que significa o sujeito e seus processos. Na psicoterapia, essa fala autêntica que para Amatuzzi (1989, p.29) é o que “cria o mundo segundo o homem e o homem para o mundo”, é através dela que a expressão dos processos existentes no cliente é trazida para o psicoterapeuta através de uma atitude falante.

Entende-se também que a ‘fala originária’ não faria parte somente do processo do cliente, mas também o psicoterapeuta como um sujeito da relação, já que ela parte de todo e qualquer indivíduo, Merleau-Ponty declara “Há portanto, tanto naquele que escuta ou lê como naquele que fala e escreve, um pensamento na fala que o intelectualismo não suspeita.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 244).

Nela percebe-se a busca de novas significações do que é falado, além disso observa-se isso bastante no diálogo proposto entre cliente e terapeuta em uma psicoterapia fenomenológica.

Na psicoterapia o cliente buscará de certa forma trazer novos sentidos àquilo que é dito, o psicoterapeuta também participa dessa relação acompanhando-o por todo o processo. Essa busca de significações que conseguem apanhar muitos mais aspectos, se inferir novos sentidos ao que foi dito, buscando de certa forma uma recriação daquilo que foi exposto através das palavras, é uma atitude falante por parte do cliente, que de certa forma é acompanhada pelo terapeuta, que em suas intervenções e colocações pode trazer novas perspectivas ao dito pelo cliente.

Esse fenômeno ocorre de forma criativa e nascente já que “na psicoterapia, esta fala emerge quando o paciente não pensou antes aquilo que irá falar. A expressão segunda tem lugar quando ele conta um pensamento já formulado anteriormente” (Moreira, 2011).

Esta fala no qual experimenta dá novas significações ao que é falado, é como a fala de uma criança que através da sua vivência busca sentidos seus para o que é falado, e não algo que já está de alguma forma no imaginário conceitual e social, de forma convencionalizada.

A psicoterapia deve sempre buscar esse lado criativo do cliente, com objetivo de lidar com o sofrimento, sem está pautado em uma ‘cura’ milagrosa, antes disso o “processo terapêutico, também tratado como a psicoterapia, não está destinado a intervir curando o indivíduo, mas contribuir para seu crescimento e transformação, aproximando-o da autenticidade do seu modo de ser.” (Jacinto & Salles, 2020).

É factual que a fala falada tem suas funções nas relações, seu papel na psicoterapia está bem ligado a continuidade necessária para o decorrer da terapia AmatuZZi (1989) explica que “a fala secundária é útil e dá continuidade ao processo terapêutico. A fala original cria.

Uma depende da outra. O problema de um paciente de psicoterapia é apenas que seu potencial de criar está bloqueado, e a permanência na continuidade desvitaliza, estiola, debilita" (p. 35).

Com isso, pode-se afirmar que toda sessão de psicoterapia deve de alguma forma aflorar a fala falante no cliente e terapeuta, que normalmente são inundados pelos signos estabelecidos na fala falada, não criando novas experiências ao que é falado. Sendo assim a psicoterapia se torna um lugar de criatividade, pautado onde a linguagem pode levar onde as significações se amoldam e se experimentam.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Merleau-Ponty a linguagem carrega uma importância de natureza filosófica. É com suas ideias que a fala, por mais que nos pareça uma ferramenta, se revela como um fenômeno participante. Abrimos mão de um conceito redutivo e superficial do fenômeno da fala, ela passa de um simples invólucro vazio que carrega dentro de si o significado do pensamento para ser entendida como o próprio pensamento.

A fala tem esse aspecto indissolúvel do pensamento, já que ao observar situações como uma criança aprendendo a falar, ou um escritor que vai escrever algo, podemos perceber que a fala ganha um significado mais além do que meramente uma ferramenta de categorização, ou de tradução de um pensamento. Ela se torna o próprio descobrimento expressivo, não que ela expresse algo silencioso anterior a ela, mas expressa ela mesma, uma intenção criativa, e não uma tradução de pensamento.

Nessa ideia de como essa fala se dá, que conceitos de 'fala falada' e 'fala falante' são entendidos e relacionados ao contexto da psicoterapia. É entender essa força criativa que a

fala carrega, essas relações com coisas estabelecidas e com novas percepções e intenções. Isso reafirma a importância da obra de Merleau-Ponty para a psicologia.

Por fim, a temática da linguagem é muito vasta, e as contribuições de Merleau-Ponty nos abre diversos leques de possibilidades ao discutir sobre a mesma, ela perpassa toda sua obra, o que torna um trabalho árduo para ser devidamente explanado sob forma de artigo. Pretendeu-se aqui focar no conceito básico do problema da linguagem apresentado por Merleau-Ponty, e sua relação com a psicologia, especialmente no contexto da psicoterapia, conclui-se, de fato, que a fala é o pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amatuzzi, M.M. O resgate da fala autêntica. Campinas, São Paulo: *Papirus*, 1989.
- Bocchi, J. C., & Furlan, R. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. Ribeirão Preto, São Paulo: *Estudos de Psicologia*, 2003.
- Caldin, C. F. A teoria Merleau-Pontyana da linguagem e a biblioterapia. Campinas: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 2011.
- Carvalho, L. B., Alves, A. M. F. , Passos, C. A., Lopes, F. G., Holanda, R. B. & Moreira, V. A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em Fortaleza. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1),1-12, 2015.
- Ferraz, M. S. A. O transcendental e o existente em MerleauPonty. São Paulo: *Associação editorial Humanitas: Papesp*, 2006. 262 p.
- Jacinto R. L. S., & Salles M. A. M.. A importância da fala no processo terapêutico na abordagem fenomenológica daseinsanalítica. *Rev. Bras. Psico. e Educ.*, Araraquara, v. 22, n. esp. 1, p. 315-328, out., 2020.

- Locke, J. Ensaio sobre o entendimento humano. Lisboa: *Fundação Calouste Gulbenkian*, 1999.
- Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Silvana Cobucci Leite. 2ª edição, São Paulo: *Martins Fontes*, 1999.
- Merleau-Ponty, M. A prosa do mundo: Maurice Merleau-Ponty. Tradução de Paulo Neves. 1ª edição, São Paulo: *Cosac Naify Portátil*, 2012.
- Moreira, V. O inconsciente no pensamento de Merleau-Ponty: contribuição para a psicoterapia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2011, v. 14, n. 1 [Acessado 27 Setembro 2022] , pp. 110-121. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000100008>>. Epub 25 Mar 2011. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142011000100008>.
- Motta, H. L., Assis, G. A. P. de, & Satelis, L. R.. A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. *Rev. abordagem gestalt*, Goiânia , v. 26, n. spe, p. 382-392, dez. 2020 .
- Moura, C. A. R. Racionalidade e crise: Estudos de História da Filosofia Moderna e Contemporânea. São Paulo: *Discurso Editorial*, UFPR, 2001.
- Perius, C. O trabalho do negativo: Linguagem e ontologia em Saussure e Merleau-Ponty *Trans/Form/Ação, Marília*, v. 36, n. 3, p. 69-108, Set./Dez., 2013.
- Tenório, C. M. D. A “Fala Original” e a obra de arte: Uma reflexão acerca do processo criativo. DF: *Universitas Ciências da Saúde* - vol.01 n.02 - pp.253-259, 2003.
- Trevisan, D. K. O problema da linguagem no discurso filosófico kantiano como questão político-jurídica. São Paulo: *Cadernos de Filosofia Alemã* , jul.-dez. 2012
- Verissimo, D. S.. Expressão e conhecimento: a linguagem na Fenomenologia da Percepção. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2012, v. 24, n. 3 [Acessado 9 Maio 2022] , pp.

513-524. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300006>>. Epub 09 Jan 2013. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300006>.